COP31: insatisfação com financiamento

Texto informal que reúne o resultado das consultas às delegações na conferência climática evidencia preocupação dos países em desenvolvimento com os fundos internacionais para ações de adaptação e mitigação

» PALOMA OLIVETO

O primeiro sumário informal apresentado na COP31 pelo ministro australiano de Mudanças Climáticas e Energia, Chris Browen, dá mostra do desafio que será costurar, a partir de segunda-feira, o documento final da conferência climática, sediada em Antália, na Turquia. Em três páginas, Browen, que conduz as negociações da conferência, reuniu as posições apresentadas pelas delegações em consultas realizadas na terça e na quarta-feira. Entre os principais pontos estão a necessidade de ampliar fundos do clima, acelerar a transição energética, responder à ultrapassagem temporária do limite de 1,5°C de aquecimento global e fortalecer as medidas de adaptação.

O texto, que deve orientar as discussões da segunda semana da COP31, funciona como um levantamento das reivindicações e dos pontos de divergência. Um dos temas mais controversos e citados pelos países em desenvolvimento é o financiamento climático. O bloco demonstra preocupação com promessas não cumpridas, recursos públicos direcionados a outras finalidades e dificuldade de acesso a mecanismos internacionais, como os de mitigação e adaptação às mudanças climáticas.

Entre as propostas, está a ampliação do financiamento climático para US$ 1,3 trilhão anual, além da aceleração do cumprimento da meta de US$ 300 bilhões, estabelecido na conferência de Baku (Azerbaijão), em 2024. Também foi defendido triplicar os recursos destinados às ações de adaptação climática. As delegações pediram, ainda, a criação de mecanismos de acompanhamento, com definição de linhas de base, metas intermediárias e monitoramento dos resultados.

Em discurso na abertura da COP31, na segunda-feira, Khalilur Rahman, presidente da Assembleia Geral da ONU, foi uma das vozes que deu força às reivindicações dos países em desenvolvimento. Rahman afirmou que, apenas para adaptação, as nações do bloco precisam de US$ 310 bilhões anuais — mas, segundo o diplomata e economista, elas recebem, atualmente, US$ 26 bilhões.

A transição energética aparece entre os principais temas das consultas. Uma das propostas apresentadas prevê elevar a eletrificação global para 35% até 2035, acelerar a expansão das energias renováveis, ampliar a eficiência e investir em novas redes elétricas e sistemas de armazenamento. O texto, porém, também registra a preocupação de algumas delegações com a necessidade de respeitar as diferentes circunstâncias nacionais, os estágios de desenvolvimento e as condições de partida de cada país. Há resistência à imposição de uma trajetória única para a transição energética e à definição de metas de cima para baixo.

AFP



Na sede da conferência climática, em Antália, manifestantes pedem justiça climática: delegações dos países em desenvolvimento mostram preocupação com o baixo financiamento das nações mais poluidoras

Acordo de Paris

As consultas abordaram a continuidade da implementação dos compromissos assumidos no primeiro Balanço Global do Acordo de Paris, especialmente os parágrafos 28 e 29, que tratam da transição para longe dos combustíveis fósseis nos sistemas energéticos e da eliminação gradual dos subsídios estatais a esses produtos. Na terça-feira, o Brasil colocou na mesa o plano, construído na COP30, em Belém (PA), para ampliação da energia limpa até a erradicação de petróleo, gás natural e carvão. A Turquia, que sedia e preside a conferência, tem falado em eletrificação, mas não cita metas e datas, como quer a delegação brasileira.

A possibilidade de ultrapassagem temporária do limite de 1,5°C também está entre as preocupações registradas pelo chefe das negociações. As delegações defenderam que a magnitude e a duração desse período sejam reduzidas ao máximo. O documento destaca que cada fração adicional de aquecimento importa, e que o retorno ao limite deve ocorrer o mais rapidamente possível.

O documento menciona a intensificação de eventos e processos associados à crise climática, como enchentes, secas, escassez de água, colapso de geleiras e desertificação. Os impactos sobre os oceanos, as montanhas e a criosfera — conjunto de áreas congeladas do planeta, que inclui geleiras, mantos de gelo, neve e permafrost — também aparecem entre as preocupações.

Ciência

A ciência foi outro elemento destacado nas consultas. O documento reconhece o papel central do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) e defende que os relatórios de seus grupos de trabalho, referentes ao sétimo ciclo de avaliação (AR7), sejam concluídos a tempo de contribuir para o segundo Balanço Global do Acordo de Paris. As delegações também mencionaram o parecer consultivo da Corte Internacional de Justiça sobre mudanças climáticas, a necessidade de fortalecer a Convenção do Clima e a importância de ampliar a integração entre as agendas de biodiversidade, desertificação e uso da terra.

"Há uma contradição importante nas negociações desta semana", avalia Tatiana Oliveira, líder de estratégia internacional do WWF-Brasil. "Todos dizem querer acelerar a implementação do Acordo de Paris, mas ainda não conseguimos avançar sobre como os países desenvolvidos vão cumprir suas obrigações de financiamento público. Não podemos transformar a implementação em uma sucessão interminável de diálogos técnicos, enquanto os recursos continuam insuficientes e cada vez mais difíceis de acessar", afirma. Oliveira lembra que o artigo 9.1, que estipula o financiamento internacional, não é uma contribuição voluntária. "É uma obrigação internacional que precisa se traduzir em financiamento previsível, e acessível."

Crise pode desabrigar 200 milhões

Mais de 200 milhões de pessoas podem ser obrigadas a abandonar o lugar onde vivem em consequência das mudanças climáticas, afirmou à agência France-Presse (AFP) a diretora da Organização Internacional para as Migrações (OIM), Amy Pope, durante a COP31, realizada em Antália, na Turquia. Pope lamentou que milhões de dólares sejam destinados ao controle de fronteiras, em vez de serem investidos em medidas de adaptação à crise do clima.

"Se não agirmos agora, esses movimentos aumentarão consideravelmente", alertou. Em 2025, cerca de 30 milhões de pessoas tiveram de deixar suas casas em consequência de tempestades, secas, incêndios florestais, ondas de calor extremas ou inundações, segundo dados da OIM. "Ainda assim, faltam políticas que abordem os fatores que alimentam as migrações", disse.

Na avaliação da diretora da OIM, seria mais eficaz investir na estabilização das comunidades em risco. No entanto, o financiamento de projetos de prevenção, geralmente pouco custosos, continua insuficiente. "Falamos de medidas de adaptação cujo custo é estimado em cerca de 310 milhões de dólares (R$ 1,7 bilhão). Até agora, foram obtidos apenas cerca de 30 milhões de dólares (R$ 168 milhões) em financiamento. Estamos muito longe do que seria necessário", explicou.

Para ela, as migrações climáticas e os conflitos estão estreitamente relacionados. "É crucial que os governos não dividam esses diferentes desafios. O clima tem impacto sobre os conflitos. Os conflitos têm impacto sobre o clima", enfatizou. A diretora da OIM também lamentou a ausência de vários chefes de Estado na COP31, apesar da preocupação dos governos com as migrações associadas a eventos climáticos. "Incentivamos a todos os Estados a se engajar, oferecer soluções e adotar uma abordagem global. Gostaríamos de vê-los todos sentados à mesa", afirmou.

» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana



Simone Anza/Divulgação

Segunda-feira, 9

A ARTE DA OBSERVAÇÃO

Após dois anos de monitoramento, especialistas do instituto de pesquisa biológica DPZ e da Universidade de Göttingen, na Alemanha, concluíram que observar os outros ajuda as interações entre macacos. Os animais mais atentos, constatou o estudo, beneficiam-se ao acompanhar o comportamento dos companheiros de grupo, formando laços sociais mais estreitos. Além disso, eles ascendem na hierarquia de dominância e, assim, conseguem acasalar com mais frequência. Os pesquisadores investigaram as atitudes de 46 macacos-de-assam machos selvagens na Tailândia e registraram dois tipos de trocas: amigáveis, por exemplo, quando os animais se limpavam mutuamente, e agressivas, quando lutavam. No total, cadastraram mais de 440 situações em que um macaco observou dois outros machos interagindo entre si. Acredita-se que ambas as abordagens ajudem a fortalecer sua própria posição na hierarquia de dominância.

Terça-feira, 10

GIGANTES ROEDORES PRÉ-HISTÓRICOS

A descoberta de fósseis de roedores "notavelmente grandes" na cratera de uma mina no sul da Tailândia reforçou a tese de que esses gigantes evoluíram em mais lugares do mundo, e muito antes do que se pensava anteriormente. Segundo a equipe internacional de paleontólogos envolvida no estudo, a espécie *Yakamys* sirindhornae viveu há aproximadamente 34 milhões de anos, durante o período Paleogeno Médio. Os pesquisadores encontraram fósseis de seus dentes — o segundo molar inferior e o incisivo inferior — na mina de linhita de Bang Mark, na província de Krabi. "Atualmente, o maior roedor vivo é a capivara, mas roedores muito grandes não estão restritos a ecossistemas recentes", disse Virginie Millien , coautora do estudo e professora de Biologia da Universidade McGill. "Essa descoberta sugere que o Sudeste asiático também desempenhou um papel importante na história evolutiva inicial de roedores de grande porte."



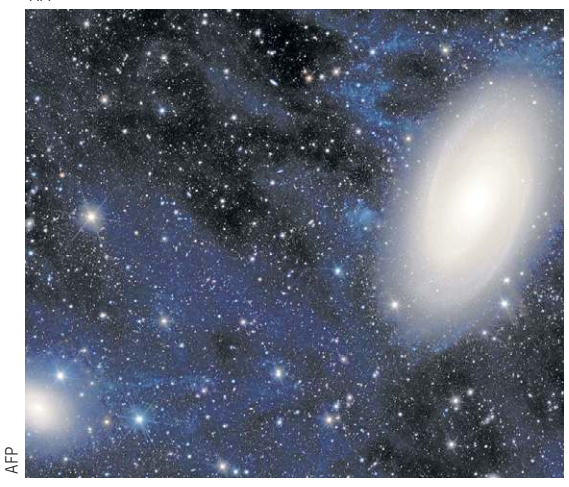
Yaowalak Chaimanee/Divulgação

QUARTA-FEIRA, 11

NEM OS CACTOS ESCAPAM

Notáveis pela resiliência e capacidade de sobrevivência em ambientes secos e inóspitos, até mesmo os cactos estão gravemente ameaçados em um planeta cada vez mais quente e seco, mostra um estudo publicado na revista *Nature*. A pesquisa, realizada nas Américas, revelou um declínio drástico no habitat adequado para a maioria das quase mil espécies de cactos estudadas, ao incorporar dados de seca severa em modelos de distribuição climática já existentes. Liderada por pesquisadores da Universidade do Arizona e da Universidade do Sul da Flórida, a equipe de especialistas estima que mais de um quarto das espécies de cactos analisadas podem perder pelo menos 80% de seu habitat adequado até o fim do século. A projeção pode ter um impacto severo em importantes áreas de biodiversidade dessas plantas, como Chile, Peru e nordeste do Brasil.

AFP



AFP

Quinta-feira, 12

A VISÃO DE EUCLIDES

O telescópio espacial Euclides apresentou seus primeiros dados, com imagens de 900 milhões de galáxias descobertas após 13 meses de observações. Esse avanço marca o início de um projeto ambicioso para cartografar o universo e estabelecer as bases de futuras pesquisas científicas. "Se quiséssemos percorrer uma a uma as imagens das galáxias que aparecem ali, uma vida humana não seria suficiente", disse à *AFP* Marc Sauvage, astrofísico do Comissariado de Energia Atômica e Energias Alternativas (CEA) da França e responsável pelo consórcio Euclid. Desde o lançamento da missão da Agência Espacial Europeia (ESA), em julho de 2023, o telescópio está a 1,5 milhão de quilômetros da Terra. Seu objetivo é explorar a composição e a evolução da matéria escura.